



Jornalismo internacional no Brasil: Análise da cobertura da editoria mundo de dois portais de notícia brasileiros¹

Marina Michelis de Lima Fernandes²
Camilla Quesada Tavares³

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar de que modo é feita a cobertura noticiosa da editoria ‘mundo’ dos dois principais portais de notícia brasileiros: Folha de S. Paulo e O Globo. Parte-se da hipótese de que existe uma supervalorização de determinados países na editoria em questão, ignorando os países latino-americanos. Logo, a análise da cobertura terá ênfase na América Latina. Para estes fins, utilizamos a metodologia de análise quantitativa de conteúdo, visando sistematizar aspectos presentes nas notícias, como tema, gênero, formato, valor-notícia, países citados e conteúdos de agência. Acredita-se que estar atento para a tematização destas variáveis seria um caminho para compreender quais são os países que mais aparecem na editoria, bem como a maneira como estão apresentados nos veículos de comunicação escolhidos.

Palavras-chave: Comunicação; América Latina; Tematização; Jornalismo Internacional; Portais de notícia.

1. Introdução

Historicamente, a política dos países configurados como potência hegemônica apresentou muitos aspectos de exploração e também de supervalorização perante os países em desenvolvimento. Uma evidência desses tensionamentos foi durante os regimes militares da América Latina, especialmente na década de 1980, conforme

¹ Este *paper* é um recorte da monografia em desenvolvimento da primeira autora.

² Estudante de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: marinamichelisfernandes@gmail.com.

³ Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: camilla.tavares8@gmail.com.

aponta Neves e Liebel (2015), oferecendo uma condição repressiva contra ideologias de caráter socialista. Numa conjuntura internacional, os países da América Latina eram vistos como nações que precisavam de medidas de moderação, exercida por militares, por exemplo, conforme apontam Neves e Liebel (2015). As consequências afetaram a região de tal maneira que a democracia desses países apresenta marcas até os dias atuais. Hoje, a América Latina direciona um processo de integração regional, desencadeando movimentos de natureza geopolítica e produzindo forças capazes de operar num cenário mundial de economia acelerada (MARTINS, 2003). Paralelo ao contexto político-econômico, conforme aponta Silva (2005), também nos anos 80 o jornalismo sofre uma influência bastante polêmica em seu percurso. Tal influência diz respeito aos valores e ao modelo de produção de notícias. Para o autor, o jornalismo crítico aliado às técnicas estruturantes comerciais se dá a partir de uma idealização norte-americana nesse campo.

O ponto unificador desse momento histórico do jornalismo é a centralidade dos valores do jornalismo norte-americano (SILVA, 2005). Dessa forma, entende-se que os procedimentos utilizados para se fazer jornalismo no Brasil são adotados de outras nações e é com base nisso que se pode afirmar que nos apropriamos da ideia de notícia como produto à venda. Conforme aponta Barbosa (2005), a prova de que nosso jornalismo é uma cópia se dá, por exemplo, pela utilização de termos em inglês como *lead*, *teaser*, *release*, entre outros.

A influência do valor notícia, de referência estadunidense, demonstra o impacto de ideais neoliberalistas no jornalismo praticado dentro do continente latino-americano. Essa questão dificulta a própria construção de identidade entre os latino-americanos, principalmente se considerarmos que, ao herdarmos um modelo de prática jornalística de um país com uma cultura distante de nossa realidade, nos afirmamos com a visão dessas nações, desconsiderando a aproximação com os países vizinhos latino-americanos.

Deste modo, Barbosa (2005) afirma que há pouco espaço para a América Latina nos veículos da grande imprensa no Brasil, relevando o quão importante é estudar os processos comunicacionais latino-americanos. “*Desmonta-se o mito da imparcialidade e conclui-se que para a América Latina não ser condenada a solidão é preciso*

desenvolver e estudar os movimentos sociais latino-americanos, incluindo seus processos de comunicação”(BARBOSA, 2005, p.7). É importante ressaltar que os meios de comunicação e, principalmente os jornalísticos, são meios que podem ajudar a entender sobre como as pessoas percebem os acontecimentos e também formam suas visões sobre eles, podendo exercer papel importante na integração dos países de América Latina. Santos e Costa (2017), em um estudo sobre a *Televisión del Sur* (Telesur), revela-se a dificuldade de integração da América Latina sob o viés da comunicação social.

Sendo assim, a pergunta que norteia este trabalho é: Quais países estão mais presentes nas notícias da editoria mundo dos portais O Globo e Folha de São Paulo, levando em consideração aspectos da influência geopolítica no jornalismo internacional? A ideia central do trabalho é explorar como dois portais de notícia brasileiros, O Globo e Folha de S. Paulo, fazem a cobertura na editoria mundo, num esforço de identificar a influência de determinados países na seleção do conteúdo noticioso. A escolha dos dois portais se deu em razão de que os dois veículos online já possuem um público consolidado no Brasil. Tanto O Globo quanto a Folha de S. Paulo já disponibilizam um conteúdo diferenciado em relação à versão impressa. Acreditamos que escolher um jornal de cada estado (Rio de Janeiro e São Paulo) poderia nos fornecer diferenças na cobertura internacional dos portais noticiosos. Para este trabalho, analisamos as notícias publicadas na referida editoria entre os dias 01 e 10 de abril de 2018, oferecendo uma amostragem que nos desse pistas para comprovar a hipótese da pesquisa. A metodologia utilizada é a de conteúdo quantitativa.

O problema em privilegiar uma cultura que não necessariamente corresponde com a realidade do país de origem do jornal é, segundo Barbosa (2005), que as pessoas passam a reproduzir ideias e conceitos deturpados sobre a própria cultura, criando uma identificação com uma realidade distante. Tendo essa problemática em vista, as bases teóricas que sustentam este trabalho são a teoria do agendamento (McCOMBS, 2009), bem como a espiral do silêncio (NOELLE-NEUMANN, ano), que complementa a discussão sobre a hipótese do agendamento. O estudo está embasado, também, pela discussão sobre critérios e valores de noticiabilidade no jornalismo.

O *paper* está dividido da seguinte forma: no tópico a seguir apresentamos a discussão teórica que guia a pesquisa. A terceira seção é dedicada à apresentação da metodologia empregada e, na parte seguinte, apresentamos os resultados da análise. Por fim, têm-se as conclusões preliminares.

2.O agendamento, o silenciamento e as disputas geopolíticas

A teoria do agendamento, originalmente chamada de *agenda setting*, afirma que os meios de comunicação não podem nos dizer como pensar, mas são eficientes em dizer o que vamos pensar. Basicamente ela nos diz que a mídia seria um importante meio capaz de influenciar os assuntos que estarão presentes no debate público. A justificativa para isso se dá porque as pessoas possuem certa tendência a considerar importante o acontecimento que é pautado pela mídia e, posteriormente, incluem esses temas em suas relações do cotidiano. “A maior parte dos assuntos e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal” (McCOMBS, 2009, p. 17). Isso implica em responsabilizar a mídia, de certa forma, pelo que se escolhe noticiar. Essa escolha impacta sob aquilo que consideramos importante em nossas discussões cotidianas.

Quando aderimos em nossa agenda a uma opinião que já vem estruturada, estamos aceitando uma “realidade” carregada de uma visão particular, colaborando para que a mesma seja propagada. Assim como também estamos sujeitos a atribuir relevância a algo pelo simples fato de que está na agenda dos veículos noticiosos.

De acordo com o exposto, é importante pensar na teoria do agendamento em relação à sub-representação da América Latina nos portais da mídia tradicional de notícias, principalmente se levarmos em consideração que a exclusão ou a falta de informação sobre ela pode implicar em sua ausência na agenda do público. Sabe-se que tanto a Folha de S. Paulo quanto O Globo são veículos de notícia consolidados no Brasil e, portanto, já com um público consolidado. O problema torna-se ainda mais acentuado se pensarmos que há muitas características que nos aproximam mais de nossos países vizinhos do que de outras nações desenvolvidas. Seguindo esse raciocínio, a falta da América Latina na mídia poderia resultar em outro agravante: a falta de conhecimento

dos brasileiros a respeito de sua própria realidade, considerando que o Brasil é também um país latino-americano. Dados do Datafolha de 2017 revelaram que a imprensa é a segunda instituição que desfruta de mais confiança da população brasileira, mostrando uma relação de influência entre mídia e público.

Se necessitamos do jornalismo para nos informar e não podemos presenciar determinados eventos em tempo real, a mídia seria uma entidade bastante eficiente na reprodução das imagens em nossas cabeças. Logo, aquilo que acreditamos dizer respeito à América Latina, relacionada ao narcotráfico e outras conotações negativas, seria apenas uma parte dela, mas não a representa como um todo. Além do mais, nossa identificação para com os Estados Unidos pode ser incentivada pelo agendamento da mídia, porém também não corresponde totalmente àquela realidade. Diante disso, é possível afirmar que aquilo que acreditamos nos representar e fazer parte da nossa cultura é nada menos que um padrão construído. *“De fato, a cultura humana é em grande medida a seleção, o arranjo, o traçado de padrões e a estilização”* (LIPPMANN, 2008,p.30).

A partir disto, sabemos que a mídia é responsabilizada, de certo modo, pela estruturação da opinião pública (LIPPMAN, 2008), mesmo que esta organização seja um tanto quanto imperfeita. Há uma relativa distância entre o evento tal como é e o tratamento dado a ele, que posteriormente intensificará a opinião pública.

Falando ainda sobre a imagem mental dos eventos, influenciada pela opinião pública, compreendemos que o mundo social é marcado por um sistema de significações imaginárias, que nos servem como base para a formação de nossos próprios produtos imaginários. No imaginário geopolítico (STEINGERGER, 2005) dos meios de comunicação de massa, os discursos indicam que há novas formas de globalização que devem ser valorizadas. Estas ideias são reproduzidas pela mídia através do recorte dos fatos e também pelo campo opinativo.

Com a internet e os processos intensos de globalização, surge a necessidade de novas compreensões a respeito das características imaginárias da geopolítica e seus discursos internacionais, tendo em vista que *“as teorias geopolíticas estão presas ao seu tempo e aos valores da época em que são produzidas”* (STEINBERGER, 2005, p.96). Para isto, a autora propõe uma epistemologia da geopolítica que, neste caso, significa

compreender de que maneira esses discursos geopolíticos são produzidos. Esta teoria do conhecimento é definida como ‘geopolítica da cultura’. “*A geopolítica da cultura deve ser entendida como a distribuição espacial de imaginários sociais instituídos para além das culturas que os geraram*” (STEIBERGER, 2005, p.27).

A proposta da teoria da geopolítica da cultura tem o intuito de explicar o discurso como modo de instituição geopolítica, ou seja, a autora afirma que as redes de relações podem ser explicadas através do discurso geopolítico, onde a palavra institui a coisa. É válido ressaltar que o conceito de cultura tido como referência na obra de Steinberger (2005) diz respeito a um campo de disputas entre realidades do sistema sociopolítico mundial. ”Este berço da geopolítica como saber institucionalizado encontra respaldo também na mídia, através de correspondentes estrangeiros desempenhadas por vários representantes do pensamento geopolítico” (STEINBERGER, 2005, p.123). Neste caso, a mídia se estabelece como fonte de disseminação das significações sociais, afirmando uma geopolítica da mídia, onde os discursos definem novas representações sociais.

Ademais, o ato de silenciar os acontecimentos de uma região pela mídia também pode afetar na opinião pública. Se não há espaço para todos os acontecimentos do mundo na mídia e, se é através do discurso que se legitima esses acontecimentos, não noticiá-los seria tornar o mesmo inexistente no imaginário internacional. A teoria do espiral do silêncio, proposta por Neolle-Neumann (1995), explica como a mídia pode ser eficiente em silenciar ideias. Em outras palavras, o que acontece é que existe certo domínio de opinião, onde se passa por uma “peneira” para ganhar a adesão dos meios. Para a autora, aqueles que manifestam opinião distinta do coletivo estão sujeitos a certo isolamento social, onde possivelmente serão silenciadas.

O problema decorre do fato de que, em muitos casos, a sensação de não estar de acordo com a opinião majoritária é falsa, haja visto que se gera um ciclo vicioso quando as pessoas se auto-censuram. É possível que uma “minoria” esteja em maioria sem saber, mas por se calar, não se tem conhecimento da situação. Desta forma, acredita-se que é o medo de estar nessa condição de isolamento que condiciona a espiral do silêncio. “*Cuando alguien piensa que los demás le están dando la espalda, sufre tanto que se le puede guiar o manipular tan fácilmente por medio de su propia*

sensibilidad, como si ésta fuera una brida” (NOELLE-NEUMANN, 1995, p. 23). Neste caso, o sentimento de felicidade está relacionado a se sentir pertencente a uma maioria “universalmente aceita”. A análise da autora nos leva crer que a “opção” para quem não está de acordo com um determinado grupo seria o silenciamento, como forma de ser tolerável perante essas pessoas. A mídia tradicional, ao silenciar a América Latina, passa uma noção de minoria, forçando uma situação de silenciamento. A falta de notícias sobre a região poderia ser explicada, portanto, pelo receio de estar em condição minoritária.

2. Desenho Metodológico

Os dados referentes a esta pesquisa dizem respeito às notícias publicadas na editoria “mundo” dos portais Folha de S. Paulo e O Globo. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo quantitativa. A pesquisa quantitativa consiste na coleta de informações através de técnicas, que podem ser complexas ou simples, mas tem a finalidade de oferecer um resultado que tente, ao máximo, ser objetivo, evitando as distorções. Além disso, a pesquisa quantitativa possibilita generalizar os resultados e fazer uma análise comparativa.”O quantitativismo tem seu lugar na ciência por se tratar de um conjunto de técnicas de pesquisa social e análise que, ao ser bem aplicado, permite relacionar descobertas sobre padrões de comportamento social com implicações nas teorias sociais já existentes” (CERVI, 2017, p.9).

A coleta quantitativa desta pesquisa foi feita diariamente, num período de dez dias, sempre após a meia-noite. A escolha do horário foi estabelecida com a finalidade de analisar todas as notícias publicadas no dia, totalizando 353 notícias publicadas pelos dois portais do dia 1 a 10 de abril de 2018.

A coleta inicial serviu como base para a obtenção de dados, ajudando a entender quais países aparecem nos portais e como aparecem. Esse movimento serviu para um primeiro mapeamento do que está sendo publicado na editoria “mundo” dos dois portais e, conseqüentemente, para a formulação da hipótese da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Como a finalidade deste trabalho é traçar um panorama comparativo da cobertura entre os dois portais, as variáveis analisadas neste momento são: formato, gênero, tema, valores-notícia, relação com os Estados Unidos, se é conteúdo de agência ou matéria assinada, e quais países mais aparecem na cobertura. As variáveis foram adaptadas de um livro de códigos elaborado para uma pesquisa maior realizada em parceria entre a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA), da qual a autora faz parte. Os dados do *corpus* da coleta foram gerados a partir do software estatístico SPSS, nos dando condições para a interpretação dos resultados.

3. Apresentação de resultados

O primeiro dado apresentado diz respeito aos formatos utilizados pelos dois portais para apresentar as notícias. Já neste primeiro momento observamos uma proximidade entre Folha de S. Paulo e O Globo. Ao longo da apresentação percebemos que há muitas semelhanças entre as variáveis analisadas.

TABELA 1 - Formato das matérias da editoria mundo nos dois portais

Portal	Formato	Freq.	%
Folha de S. Paulo	Texto e Foto	136	99,3
	Texto, foto e vídeo	1	,7
	Total	137	100,0
O Globo	Texto	1	,5
	Foto/Galeria/Fotolegenda	3	1,6
	Texto e Foto	175	96,2
	Texto, foto e vídeo	3	1,6
	Total	182	100,0

Fonte: Elaboração própria (2018)

Na Tabela 1, a primeira variável analisada foi Formato, onde notamos que o mais predominante era Texto e Foto nos dois portais. Correspondendo, juntas, a um percentual de 97,5%. No entanto, O Globo se destacou por apresentar uma diversidade

maior nos formatos de suas matérias, onde se pode perceber que havia a opção texto, onde as matérias não tinham nada além do texto, e também foto/galeria/foto-legenda, quando não havia texto, somente fotos legendadas. Em relação à categoria texto, foto e vídeo, ambos os portais apresentaram baixa porcentagem, sendo a Folha de São Paulo com 0,7% e O Globo com uma pequena diferença, correspondendo a 1,6% de suas matérias.

Conforme aponta a Tabela 2, em relação a variável Gênero, tanto O Globo quanto a Folha de São Paulo tinham matérias predominantemente informativas. Vale destacar que na Folha o percentual do gênero opinativo era maior que no Globo, com uma diferença pequena de 1,3%. Outra questão foi a categoria não identificado encontrado em 0,7% das matérias da Folha de São Paulo. Essa categoria era marcado quando a matéria não tinha um gênero que se enquadrasse nas outras duas opções.

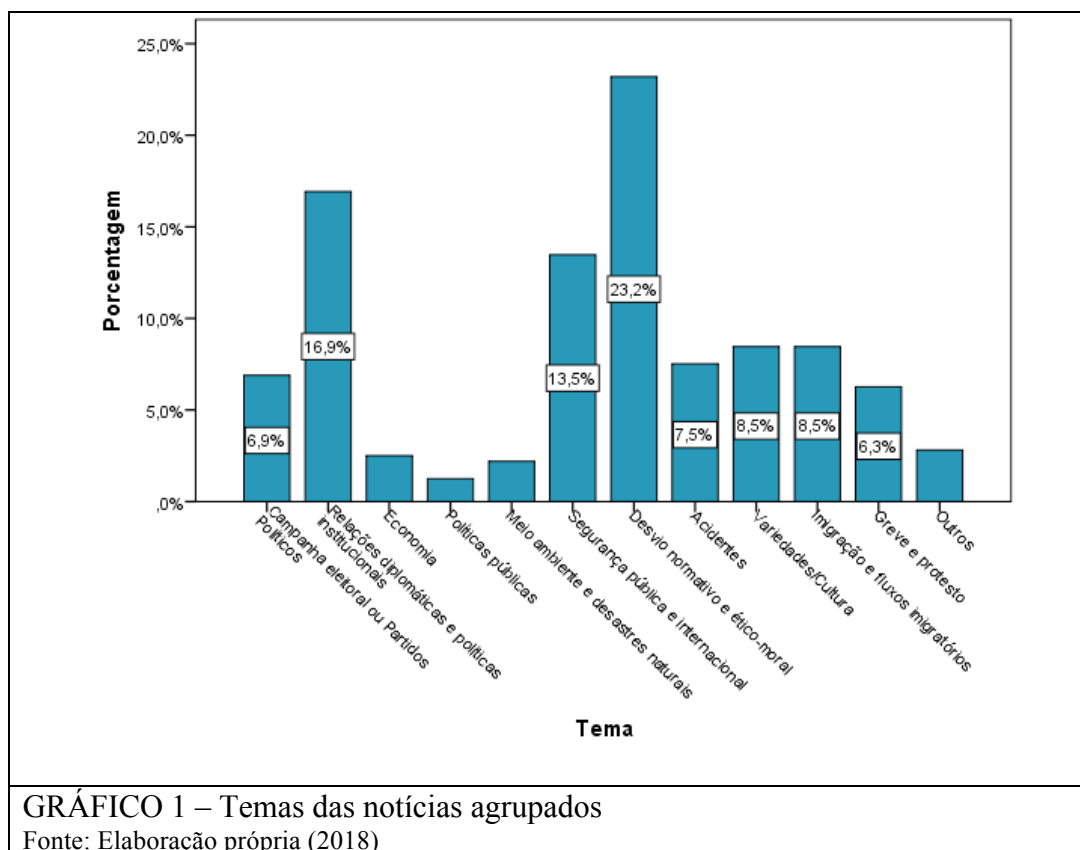
TABELA 2 – Gênero das matérias

Portal		Freq.	%
Folha de S. Paulo	Informativo	126	92,0
	Opinativo	10	7,3
	Não identificado	1	,7
	Total	137	100,0
O Globo	Informativo	171	94,0
	Opinativo	11	6,0

Fonte: Elaboração própria (2018)

O próximo dado apresentado diz respeito ao tema das notícias publicadas no portal O Globo e Folha de São Paulo. Os temas foram classificados em: Campanha Eleitoral ou Partidos Políticos; Relações diplomáticas e políticas institucionais; Economia; Políticas Públicas; Meio-ambiente e desastres naturais; Segurança Pública e Internacional; Desvio Normativo e Desvio ético-moral; Acidentes; Variedades/Cultura; Imigração e Fluxos imigratórios e Greve e Protestos. Percebeu-se que, somando os dados dos dois portais, a categoria que mais aparecia era Desvio Normativo e ético-

moral (23,2%), seguido de Relações Diplomáticas e Políticas Institucionais (16,9%) e Segurança Pública e Internacional (13,5%).



O gráfico seguinte mostra as diferenças entre os temas das notícias dos dois portais. O resultado foi de que ambos os portais tinham entre os temas mais recorrentes Desvio Normativo e ético-moral; Relações Diplomáticas e Políticas institucionais. A diferença, neste caso, foi no terceiro tema que mais aparecia, onde O Globo tinha a categoria Segurança Pública e Internacional e a Folha de São Paulo tinha a categoria Variedades/Cultura. Além disso, o quarto tema mais recorrente em O Globo foi Imigração e fluxos imigratórios, enquanto que na Folha de São Paulo era Acidentes. Num geral, percebemos que os temas mais recorrentes, quando comparamos os dois portais, são semelhantes, variando de forma não tão expressiva em suas porcentagens.

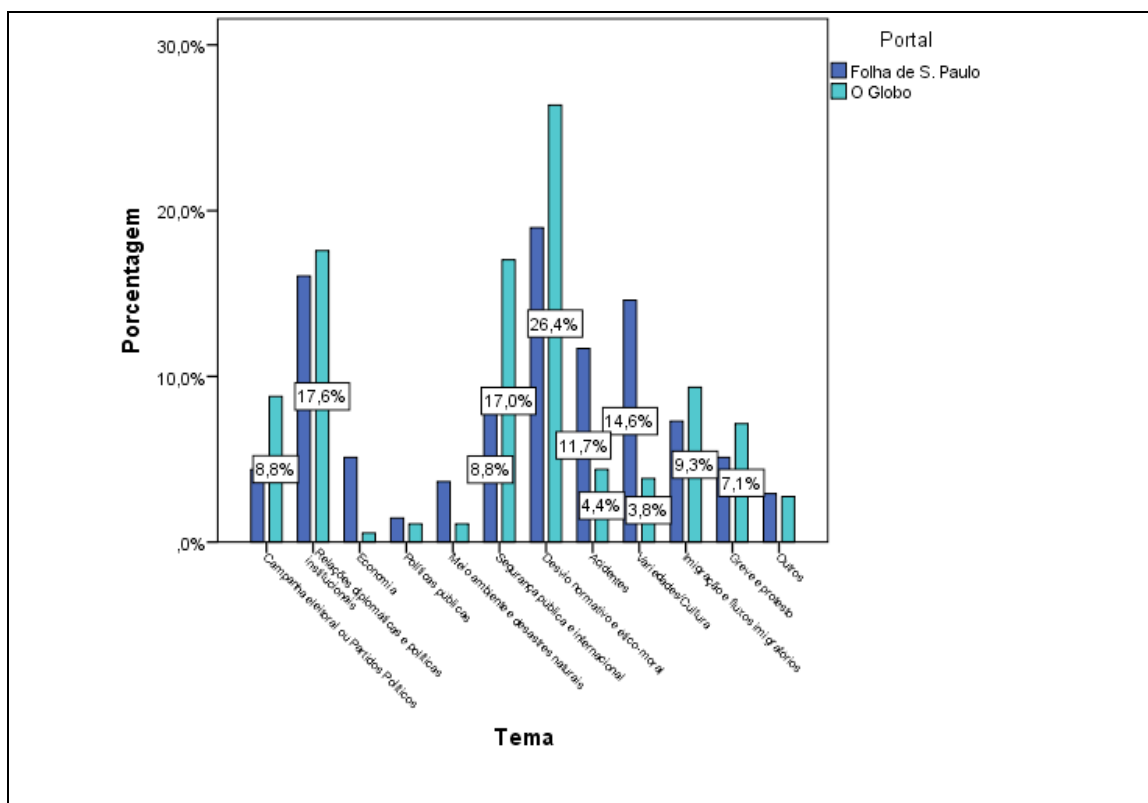


GRÁFICO 2 – Temas das notícias separados por portais
 Fonte: Elaboração própria (2018)

Na tabela a seguir teremos a variável dos valores-notícia. Aqui percebemos que ambos os portais apresentaram uma proximidade de temas mais recorrentes entre suas matérias da editoria mundo.

TABELA 3 – Valores-Notícia presente nas matérias

Portal				% de casos
		N	%	
Folha de S. Paulo	Poder de Elite	97	29,2%	71,9%
	Celebridade	1	0,3%	0,7%
	Entretenimento	6	1,8%	4,4%
	Surpresa	17	5,1%	12,6%
	Fatos Negativos	57	17,2%	42,2%
	Fatos Positivos	34	10,2%	25,2%
	Violação de direitos humanos	22	6,6%	16,3%
	Relevância	97	29,2%	71,9%
	Agenda de Comunicação	1	0,3%	0,7%
	Total	332	100	245,9

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)
FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – 7 a 9 de Novembro de 2018

O Globo	Poder de Elite	137	29,1%	75,3%
	Celebridade	2	0,4%	1,1%
	Entretenimento	6	1,3%	3,3%
	Surpresa	3	0,6%	1,6%
	Fatos Negativos	110	23,4%	60,4%
	Fatos Positivos	25	5,3%	13,7%
	Violação de direitos humanos	44	9,4%	24,2%
	Relevância	141	30,0%	77,5%
	Agenda de Comunicação	2	0,4%	1,1%
	Total	470	100	258,2

Fonte: Elaboração própria (2018)

Na Tabela 3 temos a variável valores-notícia, que estavam divididas entre as categorias Poder de Elite; Celebidades; Entretenimento; Surpresa; Fatos negativos; Fatos Positivos; Violação de Direitos Humanos; Relevância e Agenda da Comunicação. Ao agrupar essa variável, o resultado obtido foi de que Relevância, Poder de Elite e Fatos negativos eram os mais recorrentes nos dois portais e nessa ordem. Ao analisarmos separadamente, como pode ser observado na Tabela 4, havia pouca diferença na porcentagem dessas categorias entre O Globo e a Folha de São Paulo. Na Folha de São Paulo poder de elite e relevância obtiveram 29,2%, seguidos de fatos negativos (17,2%), fatos positivos (10,2%) e violação dos direitos humanos (6,6%). Em O Globo muda a ordem, com relevância (30%), poder de elite (29,1%), fatos negativos (23,4%) e violação dos direitos humanos (9,4%).

Outra variável que analisamos foi a quantidade de matérias que tinham relação entre os Estados Unidos com outros países, ou somente matérias sobre os Estados Unidos. O que percebemos, conforme aponta a Figura 3, é que a presença dessa categoria na Folha de São Paulo (47,4%) era maior do que O Globo (32,4%). Isso nos dá pistas sobre a influência do país na seleção de notícias entre os dois portais em questão.

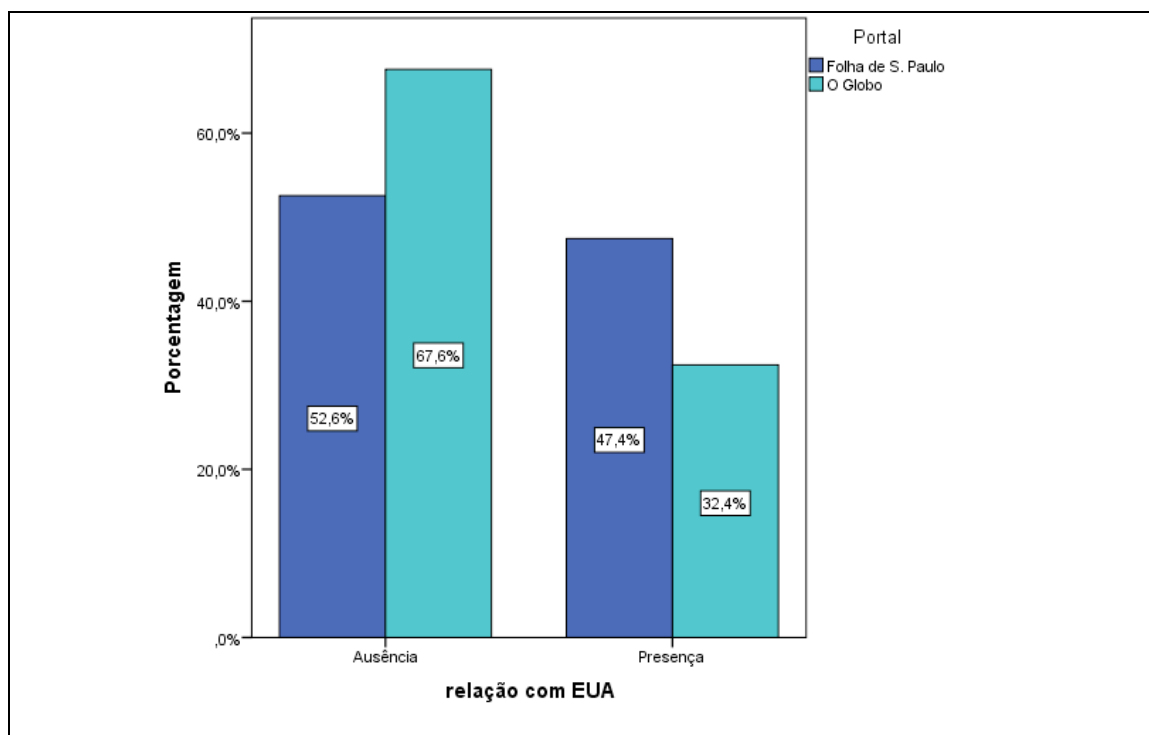


GRÁFICO 3 – Relação das matérias com os EUA

Fonte: Elaboração própria (2018)

A tabela 5 indica a presença de conteúdos de agências de notícia entre os dois portais. Conforme podemos perceber, o portal Folha de São Paulo publicou 38% de matérias que vinham de agências, sua maioria (62%) é de autoria própria. Situação que muda em relação ao portal O Globo, onde mais da maioria das notícias são de agência (68,1%). A diferença de conteúdos de agência entre os dois portais é de 30%, revelando um número significativo.

TABELA 5 - Presença de conteúdos de agência de notícia nas matérias

Portal		Freq.	%
Folha de S. Paulo	Ausência	85	62,0
	Presença	52	38,0
	Total	137	100,0
O Globo	Ausência	58	31,9
	Presença	124	68,1
	Total	182	100,0

Fonte: Elaboração própria (2018)

A última tabela nos revela quais países são mais recorrentes entre os dois portais. Vale ressaltar aqui que uma matéria poderia ter mais de um país citado, portanto, a tabela indica a frequência de vezes que eles aparecem nas matérias dos portais.

TABELA 6 – Número de vezes que cada país aparece nas matérias

Países	Portais	
	Folha de S. Paulo	O Globo
	Freq.	Freq.
Argentina	2	3
Bolívia	2	2
Colômbia	2	4
Equador	0	1
Estados Unidos	60	56
México	5	15
Peru	3	1
Rússia	16	22
Síria	11	16
Venezuela	6	12

Fonte: Elaboração própria (2018)

Os Estados Unidos estiveram presentes em mais da metade de todas as matérias publicadas entre os dois portais. Os outros dois países que mais apareceram foram Rússia e Síria. Em boa parte dos casos esses três países eram citados na mesma matéria, indicando conflitos entre EUA-Rússia, Rússia-Síria, EUA-Síria. Outra informação interessante é de que a frequência dos Estados Unidos se dá também pela relação dele com os outros países que aparecem, como México por exemplo. Os dados analisados na Tabela 6 nos indicam que a presença da América Latina na editoria ‘mundo’ é ainda muito menor se comparada numericamente com outros países.

4. Considerações finais

A proposta deste trabalho foi a de verificar como os portais O Globo e Folha de São Paulo cobrem a editoria mundo, bem como verificar qual era o espaço dado para os países da América Latina, considerando a origem dos portais e, conseqüentemente, o público-leitor (em sua maioria brasileiro). A ideia era de que as notícias sobre a

América Latina só apareciam na editoria quando tinham relação com os Estados Unidos. Para se ter um panorama dos assuntos tratados, foi possível perceber uma recorrência de assuntos sobre conflitos no Oriente Médio, trabalho escravo, imigração ilegal e conflitos diplomáticos relacionados ao presidente Trump, por exemplo.

Ao fazer a coleta das notícias, pudemos perceber que essa regra não se aplicava tão somente ao continente latino-americano, mas também aos países de outras regiões. A recorrência de matérias sobre a Rússia e Síria nos indica que, de fato, há uma certa influência geopolítica na mídia, que se aplica aos países num geral. Ainda assim, reforça-se a ideia de que importantes acontecimentos da América Latina ganham lugar na editoria quando estão em situações críticas, como corrupção política e imigração ilegal, por exemplo. Isso colabora para a construção de um imaginário popular negativo em relação aos latino-americanos. Essa realidade acontece de maneira diferente quando analisamos as matérias sobre os Estados Unidos e outras potências mundiais, onde seus acontecimentos são mais presentes na editoria, não necessariamente negativos e, em muitos casos, com matérias sem muita relevância jornalística.

Não se pode ignorar também o fato de que há um percentual considerável de conteúdos vindos de agências de notícias, geralmente europeias e americanas. Esse fato nos revela que não estamos pautando, mas sim sendo pautados. Inclusive, é válido ressaltar que as matérias sobre a América Latina também eram de agências, em muitos casos, o que pode ser uma possível justificativa para o fato de que a região está enquadrada negativamente. Além disso, chama a atenção a semelhança das matérias publicadas. Como os portais recebem conteúdo de agências internacionais de notícia, o conteúdo é o mesmo, mudando apenas a edição do texto. Não há uma semelhança grande entre os portais sob a perspectiva da informação. Foi possível traçar, a partir disso, o perfil dos dois portais em relação à cobertura dos acontecimentos internacionais. A folha de S. Paulo, num geral, preferiu publicar suas notícias em formato tradicional (texto e foto), enquanto que O Globo aposta em outros formatos, mais diversificados, como Fotogalerias por exemplo. Além disso, percebeu-se uma diferença de conteúdo dentre os portais também, nesse caso, O Globo demonstrou interesse por notícias de entretenimento, enquanto que a Folha de S. Paulo ficou mais atrelada ao político.

Por fim, é possível afirmar que existe um agendamento internacional da mídia que impacta no jornalismo brasileiro. Logo, notícias sobre acontecimentos de lugares distantes do Brasil disputam espaço com os acontecimentos da América Latina e ocupam esse lugar nos portais, o que confirma a hipótese principal deste estudo.

Referências

BARBOSA, Alexandre. **A comunicação sedutora: aspectos da influência norte-americana na comunicação brasileira.** 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4717/471747513002/>>. Acesso em: 24 set. 2017

BARBOSA, Alexandre. **A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira.** 2005. 229 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CERVI, Emerson Urizzi. **Métodos quantitativos nas ciências sociais:** uma abordagem alternativa ao feitiçismo dos números e aos debate com qualitativistas. 2017

GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo na produção da notícia:** verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística. Aracaju, 2009.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações Internacionais: visões do Brasil e da América Latina.** Rio de Janeiro: Ibri, 2003

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda:** a Mídia e a Opinião Pública. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NEVES, Ozias Paese; LIEBEL, Vinícius. **Os Regimes Militares no Brasil e na América do Sul** - Historiografia e Perspectivas. **Anphlac**, São Paulo, v. 1, n. 18, p.56-86, jun. 2015. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/viewFile/2277/2084>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La Espiral del Silencio.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.

SILVA, Marco Antônio Roxo da. **Da luta de classes ao jornalismo neoliberal: imprensa e poder na década de 1980.** 2005.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia:** Jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ, 2005.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia:** Jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ, 2005.

SANTOS, Pablo Victor Fontes; COSTA, Tuíla Regina Leal Lins Ignácio da. A MÍDIA COMO AGENTE POLÍTICO DE (DES)INTEGRAÇÃO ENTRE PAÍSES: UMA ANÁLISE DO CASO TELESUR: Autonomia e Integração Regional: interlocuções necessárias em uma perspectiva brasileira. In: CONGRESO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA, 9, 2017, Rio de Janeiro. **Anais.** Montevideo: Alacip, 2017. p. 1 - 28.